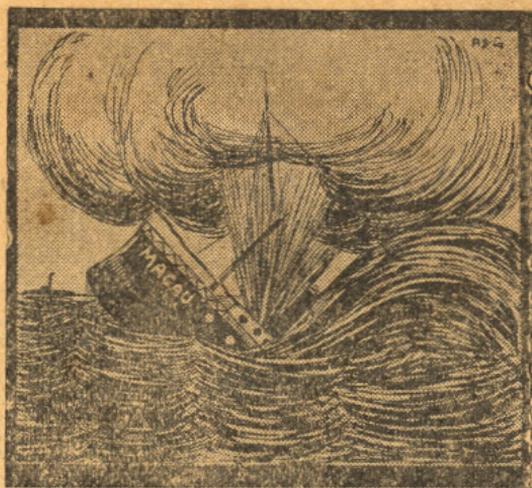


Leandro Gomes de Barros

Echos da Patria

Torpedeamento do Vapor MACAU



A GUERRA
Canto de Guerra

Agencia no Pará
RUA MANOEL BARATA, 97

A Edictora—**RECIFE**

Echos da Pátria

O torpedeamento

do vapor "Macáu"

Despertaes filhos da Pátria
Mostrae a vossa façanha,
Arriscaes o peito á balla
Ide morrer na campanha,
Um soldado brasileiro
Não rende preto á Allemanha.

Um filho deste torrão
Que de berço me serviu,
Morre no campo da honra
Como em Paraguay se viu,
Mas brasileiro correr?
Quem disser isto mentiu.

Brazileiro onde faz presa
Parte os dentes mas não solta,
O punhal d'elle onde bate
Ou rompe, ou parte, ou entorta,
Elle não desculpa affronta
Nem vae se humilhar em porta.

Trata bem a quem o trata,
Não é falso a seu amigo
Porem soffrendo uma affronta
Não ha peor inimigo,
Só diz aquillo que obra
Não torce a cara ao perigo.

Zomba do frio e calor
Não teme sol nem sereno,
Ri na presença da morte
E não repugna veneno,
Na vista do brasileiro
Todo perigo é pequeno.

O brasileiro na guerra
Não se exercita a brigar,
Muitos até ignoram
O que é á *esquerda rodar*,
Mas mata sem fazer sangue,
Engole sem mastigar.

E' exacto que a Allemanha
Tem formidaveis canhões,
Submarinos que fazem
Terror ás navegações,
Nós temos isso, mas poucos
E ninguem teme as nações

Disse o grande Ruy Barbosa
No senado discursando :
—Brazileiro faz sorrindo
O que allemão faz chorando,
Este paiz magestoso
Renasce de quando em quando.

Ha encantos no Brazil
Que não ha em outro solo,
Nascemos no meio das flores
Somos criados no collo,
O brasileiro não morre
Se muda para outro polo.

A terra de Santa Cruz
Que Casimiro cantou,
A onde Santos Dumont
Seu ideal confirmou,
Onde o primeiro balão
O grande espaço explorou.

Um povo dessa linhagem
Não se rende a um allemão,
Enfrenta todo o perigo
E onde vae pega é a mão,
Pode morrer porem vinga
A morte de seu irmão.

Quatro vapores dos nossos
Já foram torpedeados,
E esses crimes horrendos
Não foram considerados,
Talvez que pelo «Macau»
Os outros sejam vingados.

O Rio Grande do Sul
Parte voluntariamente,
O Paraná se prepara,
São Paulo diz: estou na frente,
Quando precisar me chame
É espere o contingente.

Santa Catharina ainda
Não tomou resolução,
Nós esperamos de lá
Sahir grande agitação,
Devido aos seus habitantes
Ser quasi todo allemão.

Mas nada disso tememos,
O que faz rir, faz rangir,
Tudo que tem perna e junta
Está arriscado a cahir,
O brasileiro é um povo
Que bate em quanto bolir.

O Brazil logo a principio
Declarou neutralidade,
Julgou tambem que a Allemanha
Tivesse fidelidade,
E respeitasse o direito
E a sua nacionalidade.

Nós deviamos saber
A Allemanha quem é,
Um aborto da desgraça
Sem lei, sem forma, sem fé;
Tomou um barco dos nossos
Carregado com café.

O Brazil dessimulou
Deixou ficar tudo lá,
O commercio brasileiro
Teve o prejuizo cá,
Depois um submarino
Pois a pique o «Paraná».

Onde morreram diversos
De sua tripulação,
O governo brasileiro
Não quiz mais ter concessão,
Fechou seus portos a ella,
Cortou toda a relação

Agora ultimamente
Soube o doutor Wenceslau
Que na costa da Hespanha
Torpedearam o «Macau»,
Deu prova que o allemão
E' povo inconstante e mau.

E como está desgraçado
Não se importa com alguém,
Vendo que um paiz tem vida
Quer desgraçal-o tambem,
Como ella não tem a paz
Odeia o paiz que a tem.

Era 18 de outubro
Um telegramma alarmante
Dizendo : o vapor «Macau»
Foi a pique nesse instante,
A Allemanha o poz a pique
E prendeu o commandante.

Alvorçou-se o paiz
Desde o Sul até o Norte,
O povo corria as ruas
Com destino heroe e forte,
Gritando tudo em voz alta :
Queremos vingança ou morte.

Tudo pediu ao governo
Que elle declarasse guerra,
O homem provem do pó
E nesse um dia se encerra,
Morra tudo na batalha
Mas dezafronte-se a terra.

Vamos com unhas e dentes
Pega-se á pé e a mão,
Do Brazil até um grillo
Nós o temos por irmão,
É um vapor brasileiro
Vale o imperio allemão.

O deputado Mauricio
Para a tribuna subiu
E um discurso importante
Em alta voz proferiu
Dizendo : esta santa terra
Que de berço nos serviu.

Está hoje é afrontada
Por um corsario allemão
Um infame que devia
Beijar do Brazil a mão,
Afundou nosso vapor
E prendeu o nosso irmão.

Nós acolhendo a elles
Com toda amabilidade,
Uns miseraveis que teem
Aqui hospitalidade!
Pagam a nossa fineza
Com essa barbaridade.

O exercito brasileiro
E' muito bem disciplinado
E a força de vontade
Põe o homem exercitado,
Dar a vida pela patria
E' um direito sagrado.

Isso disse um deputado
Num discurso que fazia,
Que dos olhos da mãe patria
Cada lagrima que sahia
Era com toda certeza
Um filho seu que morria

Devemos todos formar
Uma só corporação
Pôr a mochila na costa,
A espingarda na mão,
Não consentir no Brazil
Entrar um só allemão.

Ergue a frente brasileiro
Que a desgraça agora sae,
E nós havemos de ver
Se a coisa vae ou não vae,
A Austria encontrou marido
Allemanha encontra pae.

O Brazil dissimulou
A traição e covardia,
Allemanha está pensando
Que nós não temos energia,
Agora fica sabendo
Que tem de chegar seu dia.

Ou vae a lingua ou o beijo
Ou vae o queixo ou o dente
Ou vae o dedo ou a unha
E' impreterivelmente,
Porem que o Brazil tem homem
Ella ha de ficar sciente.

Vamos á tapa e á murro
A' coice e á ponta pé,
A destreza da Allemanha
Não nos faz perder a fé,
Ella ha de ficar sabendo
O brasileiro quem é.

Chore agora quem chorar,
Gema depois quem gemer,
Vae desde velho a criança
Isso não tem que saber,
Dá-se a vida pela honra
O sangue pelo dever.

O Brazil sempre acolheu
Esse ou aquelle estrangeiro,
Deu provas de um povo honrado
Um paiz hospitaleiro,
Porem se vendo offendido
Se transforma em carniceiro

Era 18 de Outubro
Estava o paiz socegado
Quando veio um telegramma
Que deixou tudo alarmado
Dizendo: um vapor nosso
Foi na Hespanha afundado.

Sahiu do Rio de Janeiro
O grande heroe Saturnino,
Levando o vapor «Macau»
A' França que era o destino,
Foi nas costas da Hespanha
Victima de um submarino.

Esse corsario maldito
Fez isso sem avisar,
Torpedeou o navio
Botou-o no fundo do mar,
E toda a tripulação
Não consentiu se salvar.

O commandante Mendonça
Vendo-se alli aggreddido
Disse ao corsario allemão:
—Você tambem está perdido
Se hei de escapar por covarde
Vou morrer por atrevido.

E lançando mão do sabre
Cravou logo o commandante,
Matou outro official
Que veio meter-se adiante,
Por elle e por um criado
Foram 4 num instante.

O commandante Mendonça
Reconhecendo o perigo
Disse ao corsario allemão:
—O mar é nosso jasigo
Felizmente já lá vão
Quatro diabos commigo.

Ora, o Mendonça sozinho,
Apenas com um creado,
Dentro de um submarino
Por tantas feras cercado
Não poudé mais resistir
O mataram degolado.

Morreu, mas seu nome vive
Nas aguas do oceano,
Provou que a raça latina
Engrandece o genero humano,
Mostrou a força que tem
Brazileiro e alagoano.

Morrer no campo da honra
Isso é causa differente,
Porém morrer como homem
Peito a peito, frente a frente,
Mostrar que a America do Sul
Sabe honrar seu continente.

E mostrar que o brasileiro
Aonde agarra não solta,
E se faz bom na partida
Inda faz melhor na volta,
Um soldado brasileiro
Tem o valor de uma escolta.

Havemos todos de ir
Combater na terra extranha,
Morrer como morrem brutos
Dando combate a Allemanha,
Na esperança ou certeza
Que tarde ou cedo se ganha.

Nós não tememos a furia
Do carniceiro allemão
Pois tudo conhecerá
Que lutamos com razão
Defender a nossa patria,
A honra, o nome e braço.

A Allemanha não pense
Que o Brazil é cão sem dono
E nem que os seus filhos
Deixem a patria em abandono,
Isso só quando o paiz
Estiver no ultimo somno.

Viver desmoralizado?
Isso eu não chamo viver
Fazer casa e não ser domno
Assim não se deve ter
A vida sem liberdade
E' muito melhor morrer.

Eu acho que nós devemos
Dizer ao barbaro allemão;
—O conheço como fera,
Não o tenho como irmão,
Como quem zomba da morte
Entrar e pegal-o a mão.

Se o allemão possuir
Peça de calibre grosso
Nós possuímos os braços
Disposição e esforço,
Um golpe de um velho nosso
Vale dez de qualquer moço.

A nossa bala onde bate
Quebra, espedaça, esfachéla,
Entra no pé do pescoço
Sae no osso da canella,
A medicina não cura
Ferida feita por ella.

Temos 22 Estados
De povo forte e possante
Que se gritando a um : pega !
Ágarra no mesmo instante,
E em cinco minutos assa
Inda que seja um gigante.

O Rio Grande do Sul,
S. Paulo, o Rio de Janeiro,
Matto Grosso e Paraná,
Partindo a um estrangeiro
E' igual a cobra, ao sapo
Nem mastiga, engole inteiro.

Eu sou da opinião
Que o homem deve morrer,
Porem não mostre fraqueza
Nem dê seu braço a torcer,
A cobardia é um osso
Que não se póde roer.

Nós temos em nossa terra
Homem que morre sorrindo,
A bala entra, elle diz :
—Não doe, nem estou sentindo
Só dá fé que está ferido
Depois do combate findo.

É quem tem um povo desse
Não teme qualquer nação,
Povo que estando em combate
Tira da peça a acção,
Se lembra das trôvoadas
Em Janeiro no sertão.

No seculo XV um punhado
De pequenos portuguezes
Combateu heroicamente
É expulsou aos inglezes,
Vidal de Negreiros sózinho
Expulsou os hollandezes.

Portugal naquelle tempo
Só tinha o céu por abrigo,
Tinha por alma o direito
E o seu passado antigo,
Porem fez polvora de areia
E venceu ao inimigo.

O mesmo faremos nós
Nessa terefa comprida,
Havemos de dar o exemplo
De uma nação destemida,
Ou se alcança a victoria,
Ou não sae algum com vida.

Vimos no quarenta e nove
Batalhão de infantaria
Quando o commandante disse :
Todo perigo que havia,
Esclarecendo a affronta
Que nossa patria soffria.

Aquelle que se prestasse
 A ir voluntariamente,
 O commandante ordenava
 Que desse um passo em frente,
 Não ficou um no lugar
 E elle sorriu de contente.

Disse o commandante : juro
 Se houver guerra o Brazil ganha,
 Quem tem soldados assim
 Não tem medo de campanha,
 Bate no peito dizendo :
 Venha mais outra Allemanha.

O Brazil inda sustenta
 O peso de uma nação,
 O soldado brasileiro
 Morre com armas na mão,
 Mostrando que um brasileiro
 Inda morto tem acção.

A industria da Allemanha
 Para nós perde a vantagemem,
 Ella faça o que quizer
 Tem que perder a viagem,
 Ella vem com appparelhos
 Nós vamos com a coragemem.

..... F I M



A Guerra

Guerra ! oh ! guerra ! abysmo dos abysmos,
Lago triste enorme d'aguas turvas,
Condutora da fome e da deshonra,
Officina de orphãos e viuvas;
Um juiz não perdôa estes teus crimes
E nem lava tuas nodoas as grandes chuvas.

E's o cancro dos cancos, o mal dos males,
Nem a cobra tem tanta tyrania,
E's capaz de fazer medo ao terror !
Afugenta a tua voz a epidemia,
O desastre se assombra em tua frente,
Só um Kaiser da Allemanha te aprecia.

Tens a valla commum como trapiche
Onde vaes recolher teu apurado,
Alli veem-se mil tanques cheios de lagrimas,
Que verteram os pobres desgraçados,
Maldições de orphãos desvalidos,
Que se acham assim desamparados.

Os espiritos de féras te apreciam,
Tu nos peitos assassinos tens morada
E na roda da miseria indissoluel
Tu és grande e tens lá a tua entrada,
Mas nas vistas de Deus e de homens justos
E's a coisa que é mais odiada.

E's da lastima do mundo a mais antiga,
Dos conflictos tambem cerrespondente,
E's amiga do mau e do malvado,
Em teu todo infame e inconsciente
Assitúa-se a maldade, o odio, o vicio
E a miseria que reina eternamente.

CANTO DE GUERRA

Letra de Antonio Garcez

Musica do Buri.

A auri-verde bandeira se élêva
Ao valor de seu povo saudando,
Dos maiores o Genio nos léve,
Pelos louros da Patria, luctando...

Côro

Oh! filho do norte
Robusto e viril,
A's armas! Sé forte!
Deffende o Brazil.

Nossa Patria requer nosso sangue
O Dever nos impõe ao combate,
Anté Nós, o mais forte é exangue
E o inimigo se curva e se abate...

Côro

Oh! filho do norte

Todos juntos façamos muralha
A' estrangeira e inimiga cohorte
Com desdem ao troar da metralha
E zombando dos golpes da morte...

Côro

Oh! filho do norte

Galopeiem corceis nas campinas
Trôe fuzil e sibilem as balas
E os punhaes brilhem nas carabinas
Obrigando ao inimigo abrir alas.:

Folhetos expostos á venda
na AGENCIA

Rua Manoel Barata, 97—Pará

Historia de Zezinho e Mariquinha
A Força do Amor
Morte de Alonso e Vingança de Marina
A Rainha que sahiu do Mar
Historia da Princeza Magalona
A Morte do General Pinheiro Machado
Casamento e Divorcio da Lagartixa
Historia da Donzella Theodora
A Bella adormecida no bosque
A chegada do dr. Lauro Sodré no Pará
A vida de Antonio Silvino
A prisão do celebre Antonio Silvino
O Leão na jaula (Antonio Silvino)
Antonio Sivino no jury
Os arrependimentos de Antonio Silvino
Ultimos julgamentos de Antonio Silvino
Allemanha nadando sobre um mar de sangue
Historia de Maria Amaral
A guerra do Brazil com a Allemanha
O Mal em paga do Bem
Pae da Miseria e Mãe da Urucubaca
Peleja do cego Aderaldo com Zé Pretinho
A vida do seringueiro
Peleja de M. do Riachão com o Diabo
Discussão da Allemanha com Portugal
O Rio de São Francisco
O Brazil na guerra
Historia da escrava Izaura
O Principe e a Fada.
O Governo e a Lagarta contra o fumo
Historia de Pedro Cem
O Retirante, sua mulher e seus filhos
O torpedeamento do vapor «Macau»
A Mulher roubada
Echos da Patria—O torpedeamento do vapor
«Macau»
Branca de Neve. O Soldado guerreiro e
muitos outros em preparação.



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).